

A política externa de Mali, Níger e Chade frente à nova presença francesa no norte da África e o cenário de instabilidade regional

Autor: Willian Moraes Roberto (UFRGS)
 Orientador: Prof. Dr. Paulo Gilberto F Visentini

INTRODUÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

O trabalho em questão insere-se dentro da pesquisa “Formação e desenvolvimento do sistema interafricano de relações internacionais (1957-2015)” e objetiva compreender a política externa para a França de três países do Sahel – Mali, Chade e Níger – diante do atual contexto de instabilidade pelo qual a região atravessa, com crises no Mali, Líbia e Nigéria. Tal objetivo se justifica pelo fato da França ser a principal potência extrarregional presente, cujas ações envolvem esses três países. Especificamente, procura-se analisar 1) o peso do apoio desses países para criar legitimidade nas ações francesas; 2) qual a extensão e o impacto da nova presença francesa no Sahel; 3) em que medida as novas investidas de Paris se contrapõem ao objetivo da União Africana de resolver seus problemas securitários de forma autônoma.

METODOLOGIA

Os métodos utilizados na pesquisa envolvem revisão bibliográfica da história e da política externa desses três países. Para o período recente, buscam-se artigos, livros especializados e fontes primárias para analisar as crises, as ações francesas e a relação com Mali, Chade e Níger. Aspectos estruturais e condicionantes da política externa desses países também são considerados.



HIPÓTESES

Partindo da constatação de que a França é a principal potência extrarregional envolvida nas crises securitárias do Sahel, três hipóteses foram desenvolvidas:

- 1) o fato de Mali, Chade e Níger apoiarem a operação francesa e cederem bases militares à Paris cria argumentos e justificativas para que o país atue no Sahel;
- 2) a posse francesa de bases militares nos três países permite que Paris use da força no contexto das crises regionais, aprofundando sua influência no Sahel e aumentando a divisão entre países a favor e contra o envolvimento de potências extrarregionais na África;
- 3) as ações da França significam uma apropriação da responsabilidade de deter problemas securitários africanos, suscitando o debate quanto ao desenvolvimento e efetividade das capacidades autônomas da União África.



RESULTADOS PARCIAIS

A partir de 2011, com a intervenção da OTAN na Líbia, uma sequência de crises securitárias assolou a região do Sahel: em 2013, no Mali, em 2014, na Líbia, e também na Nigéria com a expansão dos ataques do Boko Haram. Nesse contexto, em julho de 2014, a França lançou uma nova investida militar no Sahel: a Operação Barkhane, consistindo de 3 mil soldados dispostos em cinco países – Burkina Faso, Chade, Mali, Níger e Mauritânia – e estruturada em duas frentes principais: N’Djamena (Chade) no leste e Gao (Mali) no oeste, conforme a imagem acima. Paris afirma que foi necessária a criação de uma força militar regional para combater a regionalização dos grupos terroristas no Sahel – do Mali para a Líbia e/ou Nigéria.

Pilares da nova presença francesa, Mali, Chade e Níger argumentam que as organizações regionais africanas não têm capacidades suficientes para, sozinhas, resolverem os problemas securitários do Sahel. Nesse sentido, a posição de necessidade de intervenção externa cria legitimidade para Paris se fazer presente na região. Mali, Chade e Níger se agruparam no G5 Sahel, criado em fevereiro de 2014, que formalmente apoiou as forças francesas. Em dezembro de 2014, o grupo também pediu ao CSNU que aprovasse uma nova intervenção militar na Líbia para resolver tal situação.

A Operação Barkhane, na realidade, parece consistir em uma continuidade da política francesa para a África, garantindo a influência de Paris via presença militar e mantendo laços neocoloniais com os governos de Mali, Chade e Níger. A despeito do discurso antiterrorista, a nova ação da França parece criar uma presença de longo prazo no Sahel por não ter um objetivo final claro.

Por fim, salienta-se as ações paralelas de ativismo regional desses países, principalmente o Chade. Este interveio no Mali e na República Centro-Africana em 2013 e agora em 2015 integrou a força regional africana contra o Boko Haram, *Multinational Joint Task Force*. Assim, N’Djamena parece buscar para si um papel na região, mas em concertação também com a França, o que pode resultar em um não desenvolvimento real das capacidades africanas para solução dos problemas securitários no seu próprio continente.

REFERÊNCIAS

DJOYUM, Beaugas-Orain. Force Multinationale Mixte: Mode d’Emploi. *Le Magazine de l’Afrique*, n.42, março/abril de 2015, Paris; FRANÇA. *Carte opération Barkhane*. França, Ministère de la Défense, 6 de novembro de 2014; GNANGUENON, Amandine. *Operation Barkhane: a show of force and political games in the Sahel-Sahara*. Institute for Security Studies, 19 de Agosto de 2014; SCHMIDT, Elizabeth. *Foreign Interventions in Africa: from the Cold War to the War on Terror*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013; THÉROUX-BÉNONI, Lori-Anne. *Lessons from the Malian crisis for the international security architecture*. Institute for Security Studies (ISS), 15 de abril de 2013; TISSERON, Antonin. Aux sources du leadership tchadien. *Le Magazine de l’Afrique*, n. 43, maio/junho de 2015a, Paris; TISSERON, Antonin. Opération Barkhane dans le Sahara. *Le Magazine de l’Afrique*, n. 42, março/abril de 2015, Paris.